

Sylvia Plath – Ariel

Pausa no escuro.

Depois um jorro azul impreciso

Feito de rochedos e lonjura.

Leoa divina,

Somos só uma,

Eixo de joelhos e calcanhares! – O sulco

Se abre e vai adiante, ao lado

Do arco pardo

Do pescoço que não alcanço,

Olhos de

Jabuticaba lançam anzóis

Escuros –

Sombras, respingos de um sangue preto

E espesso.

Outra coisa

Me arrasta pelo ar –

Pernas, cabeleira;

O calcanhar a descamar.

Godiva

Branca, vou me desfolhando –

Mãos mortas, dogmas mortos.

Agora sou

A espuma do trigo, o brilho do mar.

O choro da criança

Derrete na parede.

E eu sou

A flecha,

O orvalho suicida

Que se lança pronto para um
Mergulho dentro do

Olho vermelho, no caldeirão da manhã.

Sylvia Plath, Poesia Reunida – Tradução, Marília Garcia